

Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros – Exemplo de sítio arqueológico musealizado na baixa pombalina

Clementino Amaro*

Resumo

Os recursos piscícolas sempre tiveram um papel marcante na dieta alimentar das populações. O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros procura pôr em evidência o papel desempenhado pela Lisboa romana na produção e exportação de preparados de peixe. Simultaneamente, considerou-se importante tratar e dar a conhecer os vários momentos de ocupação e de transformação urbanas da antiga orla ribeirinha.

Para tal, constituiu-se um espaço musealizado que se procurou atraente e com um discurso expositivo acessível. Tanto as estruturas como o objecto arqueológico são apresentados de forma científica e didáctica, servindo a diferentes públicos. O núcleo reúne desta forma condições para a sua integração em percursos de visita livres e temáticos.

Abstract

Piscicultural resources always played a remarkable role on the diet of populations. The Archaeological Site Rua dos Correeiros searches to prove by evidence the influence of Roman Lisbon upon the production and exportation fish-prepared products. At the same time it seemed important to consider, to look after and to inform about the different historical moments of Lisbon's occupation and urban changes in the old riverine section.

For that purpose it was set up an attractive museum space with an accessible descriptive speech. The structures as well as the archaeological objects are presented in a scientific and didactic way, aiming different publics. Thus, the group assembles in this way the necessary conditions for its integration in thematic and free visit courses.

* Assessor Principal da Direcção Regional de Lisboa do IPPAR.

Nucleo-Argonolite of the Pacific Coast (Continued)

Argonolite is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region. It is a complex molecule consisting of a nucleoside base and a phosphate group. The structure of Argonolite is shown in the following diagram:

The diagram illustrates the chemical structure of Argonolite, highlighting the nucleoside base and the phosphate group. The nucleoside base is composed of a sugar and a nitrogenous base, while the phosphate group is attached to the sugar moiety.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

The Argonolite molecule is a complex of nucleoside and phosphate groups. It is a type of nucleoside which is found in the Pacific Coast region.

A constituição do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros insere-se numa acção de renovação arquitectónica duma vasta área de um quarteirão pombalino¹ situado entre as ruas Augusta e dos Correeiros. Em resultado do grande volume de informação que disponibilizou e da qualidade e grau de conservação das estruturas arqueológicas evidenciadas, entenderam os promotores da obra (Banco Comercial Português) e a entidade responsável pelos trabalhos arqueológicos preventivos (IPPC/IPPAR) existirem as condições necessárias para serem apresentados e expostos, de forma permanente, ao público, os resultados desta intervenção (fig. 1 D e fig. 2).

Os trabalhos arqueológicos realizaram-se entre 1991 e 1995 abrangendo uma área de cerca de 730 m² (fig. 4). Foram identificados vários momentos de



¹ O período pombalino, neste contexto, corresponde à fase de reconstrução de Lisboa após o Terramoto de 1 de Novembro de 1755, sob acção particularmente forte do ministro do rei D. José I, o Marquês de Pombal. No caso da Baixa, o plano de reconstrução foi aprovado em 1758, segundo um traçado rectilíneo.

ocupação e de transformação urbanas junto à antiga margem do esteiro desde, pelo menos, o século V a.C. até ao momento das obras de reconstrução da Baixa na sequência do Terramoto de 1755².

O conjunto de estruturas que se revelaram em melhor estado de conservação, desde as primeiras sondagens arqueológicas, construtivamente coerentes e presentes em toda a área intervencionada, representa uma vasta área de um complexo fabril de preparados piscícolas do período romano, onde foram identificados cerca de três dezenas de tanques de diversas dimensões, pátios de apoio à laboração, um poço e parte das instalações anexas e prováveis áreas de armazenagem (figs. 4 e 5). Foi ainda identificado um troço de via romana, a sudeste do complexo fabril, pavimentado a lajes de calcário, estrutura esta de particular importância para estabelecer a relação entre a zona industrial e a área residencial da cidade (fig. 1). A via foi igualmente sujeita a tratamento museográfico, apesar de se encontrar integrada na área da recepção da rua dos Correeiros.

Do conjunto arquitectónico romano há ainda a destacar a presença de um sector do estabelecimento de banhos, relacionado com a fábrica, (actualmente integrado numa sala pombalina), constituído por quatro piscinas (*alvei*) de pequenas dimensões, duas delas com acesso por uma sala (átrio) revestida a *opus tessellatum*. Nesta sala existe uma porta de comunicação para um segundo compartimento, provável peristilo, pavimentado igualmente a *opus tessellatum*.

O revestimento e os degraus de acesso aos tanques cobrem parte da moldura do mosaico. Esta situação marca dois momentos distintos de construção. Baseado em critérios estilísticos e de análise de paralelos, a cronologia do mosaico circunscreve-se ao terceiro quartel do século III. A adaptação desta área da casa a espaço de banhos deve assim ter acontecido ao longo do século IV, fase de acentuada popularização deste tipo de equipamentos (fig. 6).

Na 2.^a Idade do Ferro, no local da posterior edificação do complexo industrial, foi construído um conjunto de edificações de planta rectangular, anexas entre si, e apresentando todas elas uma área de combustão central. Situar-se-ia numa zona não muito longe da área portuária de então, onde se processariam as transacções comerciais com os povos vindos do Mediterrâneo e de Gades (Cádiz) (fig. 7).

Dos vestígios de um forno ou de um pavimento muçulmanos, passando por uma fossa detritica medieval, até à presença da camada de incêndio das casas que sofreram o Terramoto de 1755, este sítio foi testemunha de uma permanente ocupação e de frequentes renovações e alterações da sua imagem urbana. De facto, a antiga orla ribeirinha da cidade romana conservaria ainda parte do esteiro navegável, permitindo, muito provavelmente, o acesso, por via fluvial, a outro núcleo fabril de preparados de peixe localizado sensivelmente a meio da actual rua Augusta, e identificado no decurso da intervenção arqueológica realizada no interior do edifício onde abriu um estabelecimento da cadeia McDonald's, em Abril de 1999 (fig. 1 E).

É nesta zona da Baixa que desde 1981 têm sido localizados outros núcleos fabris, numa faixa de cerca de 500 metros, o que leva a equacionar o valor real,

² Responsável pela equipa de campo de arqueologia: Jacinta Bugalhão, Instituto Português de Arqueologia (IPA).

para o mercado local e para as exportações, desta actividade industrial na economia da cidade (fig. 1 A, B, C, E).

O arrabalde ocidental islâmico desenvolve-se até ao esteiro a partir do século X, permanecendo aí o porto de abrigo e a construção e reparação navais.

Após a conquista da cidade em 1147, a zona baixa vai receber novos bairros labirínticos, integrados em paróquias entretanto instituídas, donde ressalta uma grande concentração de artesãos, pescadores e comerciantes. Deste facto, sofre o esteiro inevitáveis aterros e despejo de detritos urbanos.

Este troço já não será mais do que um simples caneiro a céu aberto no século XIII, transposto por uma ponte de madeira – da Galonha ou de Morraz – ligando a rua da Calçetaria (antiga Morraz) com a Rua Nova dos Ferros (fig. 2). Uma reconstituição imaginária do local, publicada por José de Vasconcelos e Menezes, mas respeitando as confrontações dos prédios (fig. 3), sugere-nos como seria a configuração do esteiro no início do século XIV, sendo na altura a linha de beira-rio, presumivelmente, no local onde hoje se cruza a rua do Comércio com a do Ouro, (fig. 2-3).

D. Dinis, ao construir um segundo muro de defesa da zona baixa da cidade, para a salvaguardar da pirataria de então (fig. 2-1), instala as Tercenas na Ribeira, numa zona externa àquela linha de defesa, local onde igualmente recolhe as suas galés (fig. 3).

A praia aqui existente faz ainda uma pequena reentrância ou enseada, característica esta que praticamente desaparece com a construção da Muralha Fernandina (1373 –76) (fig. 2-2).

O que resta do antigo esteiro vai ser finalmente encanado no século XV e sobre o então designado cano real abre-se a rua Nova de El Rei, em 1466. Em finais do século XVI é já designada por rua dos Ourives do Ouro, nome que conservou até 1755 (fig. 2-4), traduzindo-se na actual rua Aurea ou do Ouro na sua memória viva.

Com a construção do palácio real na Ribeira, por D. Manuel I, por volta de 1500, – símbolo de mudança do centro político e administrativo –, desaparecem os últimos vestígios da praia ou salgados do vale da baixa, subsistindo apenas, hoje em dia, um esgoto de grandes dimensões, herdeiro do cano real, na muralha da praça do Comércio.

Ao pretender-se, de certa forma, atribuir ao Núcleo Arqueológico a capacidade de funcionar como memória da trajectória urbana atrás descrita, é instituído ao complexo fabril da rua dos Correeiros o papel de referência privilegiado para se entender a importância que terá desempenhado, na economia da cidade romana de Olisipo, a actividade de preparados de peixe e das suas actividades complementares, tais como o fabrico de contentores, a pesca, exploração de sal, construção e reparação navais e de apetrechos de pesca, tanto mais que outros núcleos fabris, com as mesmas funções, foram sendo referenciados na Baixa e noutros pontos do estuário do Tejo, a partir de 1980³.

³ Coordenação dos trabalhos de arqueologia e musealização do sítio arqueológico: Clementino Amaro, IPPAR.

A avaliação do património arqueológico, para além do valor cultural e histórico já confirmados, passou por um conjunto de parâmetros, entre os quais se destaca: a viabilidade da sua integração no edificado; condições de manutenção e conservação; integração em percursos de visita livres e temáticos; e seu valor recreativo.

Após uma avaliação positiva dos parâmetros atrás expostos, seguiu-se a análise de um conjunto de condicionalismos e de aspectos técnicos que houve que ultrapassar, já que o sítio arqueológico a musealizar se destinava, num primeiro momento, a parque de estacionamento, em cave. Foram, assim, equacionadas soluções várias para questões como, a criação de condições de segurança, de funcionamento, de acessibilidade e de articulação entre o núcleo arqueológico e a sucursal bancária. Foram ainda avaliadas as implicações resultantes da constituição do núcleo arqueológico, maioritariamente em cave, ao nível da estabilidade dos edifícios, criação de grandes vãos, presença e circulação do nível freático e compatibilização entre a preservação das estruturas sob os alicerces periféricos pombalinos e a estabilidade dos mesmos. Houve ainda que definir um traçado para o percurso de visita, qual o tipo de climatização e de iluminação mais adequados.

As soluções foram sendo eficazmente encontradas e resolvidas em reuniões com a coordenação da obra e as respectivas equipas de arquitectura e de engenharia e com a colaboração de consultores externos.

Por fim, foi pensado no modelo de gestão a adoptar, nos meios de manutenção e de conservação do núcleo a implementar e dos instrumentos de divulgação a criarem-se.

Procedeu-se, neste entretanto, ao levantamento e remoção de contextos e de estruturas arqueológicas sem dimensão expositiva ou apresentando um elevado grau de destruição. A selecção de peças a expor obedeceu aos contextos previamente definidos e integrando um percurso de leitura. Os restantes materiais foram recolhidos, maioritariamente para estudo, nas reservas do IPPAR.

Memória de um lugar⁴

Na constituição do núcleo tomou-se como um dos pressupostos programáticos, a sua integração numa realidade mais vasta, ou seja, a instalação gradual de núcleos fabris no estuário do Tejo, a partir de meados do século I d.C., até ao seu definitivo encerramento quatro séculos depois.

Procurou-se, assim, a interpretação do complexo fabril associado ao território onde se integra – o estuário do Tejo. O modelo aqui desenvolvido pretende interpretar o sítio arqueológico com o apoio de peças ali exumadas.

⁴ Texto inserido no artigo "Núcleo Arqueológico de la Rua dos Correiros – Fundación Banco Comercial Portugués: Un sítio musealizado en la Baixa de Lisboa". Revista de Museologia: "Museos y museología en Portugal, Una ruta ibérica para el futuro". [Madrid]: Asociación Española de Museólogos (Fevereiro de 2000). Este texto desenvolve a mesma temática por nós apresentada no 1.º Encontro Nacional de Museus com colecções de arqueologia.

Tendo em presença que a Baixa Pombalina é entendida e abordada globalmente como uma unidade patrimonial única e, como tal, foi classificada em 1978 como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 95/78 de 12 de Setembro, entendeu-se ser importante tratar e dar a conhecer os vários momentos de ocupação e de transformação urbanas vividos neste sítio (da orla ribeirinha) desde o século V a.C. até aos anos 50/60 deste século, ou seja, interpretar a evolução de um território até aos dias de hoje, (momento marcado pelo gradual abandono da população e de várias actividades comerciais com grande tradição na Baixa). O texto introdutório do catálogo do Núcleo Arqueológico intitulado "A História do Sítio", insere-se nesta linha programática.

Foram assim criadas as condições para que o núcleo funcione como espaço autónomo, com acesso próprio, mas marcando a sua presença tanto através das portadas que comunicam com a rua dos Correeiros, como para o saguão, espaço de circulação interna da entidade bancária. Esta autonomia foi conseguida concentrando os serviços da sucursal bancária, sediados no rés-do-chão, com acesso pela rua Augusta – a artéria mais nobre da Baixa Pombalina –, enquanto que o Núcleo Arqueológico tem o seu acesso público pela rua traseira, a rua dos Correeiros, e é visualmente identificável pelo seu revestimento azulejado.

O Núcleo Arqueológico é constituído por duas salas abobadadas, ao nível do rés-do-chão, e por uma área em cave. A primeira sala, que tem acesso directo pela rua e pelo saguão, corresponde ao espaço expositivo. Aqui o visitante tem uma primeira abordagem ao núcleo e à evolução do sítio, com a exposição de um conjunto de peças ali encontradas e que ilustram os diferentes períodos de ocupação, bem como as diversas funções e usos dados ao local (fig. 10). A informação é complementada por um conjunto de painéis onde se destaca a evolução da orla ribeirinha da Baixa.

A colecção de peças está organizada cronologicamente em três vitrinas, sendo que a primeira expõe a 2.ª Idade do Ferro e o Período Romano, a segunda os períodos Medieval Islâmico e Cristão e finalmente a terceira os períodos Moderno e Contemporâneo. Posicionadas no centro da sala, duas vitrinas individualizam dois conjuntos de peças. Um primeiro é constituído por uma urna e unguentários, conjunto exumado numa área de necrópole, datável do século I a.C. à 1.ª metade do século I. d.C., e onde coexistiram os rituais de inumação e de insineração.

Esta necrópole sobrepôs-se ao espaço da Idade do Ferro, abandonado no século III a.C. O segundo conjunto individualizado representa a faiança pintada a azul sobre fundo branco, de grande uso a partir do século XVII.

O chão do espaço expositivo foi concebido em chapa de vidro, permitindo assim ao visitante visualizar um contexto onde foram preservadas estruturas (muros, compartimentos, talhas em barro e um poço) de diferentes épocas e com diversas funções, uma realidade presente em cidades de raiz clássica e com ocupação contínua do mesmo espaço urbano.

No caso presente, e em cerca de dois metros de altura, sobrepõem-se a compartimentos romanos, muros dos períodos Medieval e Quinhentista, sobre os quais, finalmente, se apoiam os alicerces da casa, com poço encastrado, que sofreu os efeitos devastadores do Terramoto de 1755. Esta situação de reconstrução, ou de nova edificação apoiando-se na ruína e aterro da anterior, leva a uma gradual subida de cota da cidade.

Do espaço expositivo tem-se acesso à segunda sala, contígua à anterior, e onde se destaca uma sala pavimentada a *opus tessellatum*. Trata-se do primeiro mosaico conservado *in situ* da cidade romana e está datado do terceiro quartel do século III. Provavelmente já no século IV esta sala foi transformada em átrio de uma zona de banhos, dando acesso a dois pequenos tanques, que devem corresponder à zona do *frigidarium*. Este equipamento passou assim, a dar apoio ao espaço laboral de conserva de peixe já no último século da sua laboração.

Na reedificação da Baixa Pombalina um dos quatro painéis do mosaico foi destruído na sequência da construção de um forno para tratamento de ferro. Foi viável compatibilizar a apresentação da sala pavimentada e tanques anexos com a manutenção da câmara de combustão e do anel de suporte da abóboda, numa interessante convivência entre duas realidades separadas por quatorze séculos (fig. 6).

Regressados à sala de entrada, aí temos acesso à cave, por uma pequena escada. Na cave, o percurso de visita é totalmente feito através de um passadiço, suspenso nas vigas metálicas de apoio da laje, e que permite percorrer a totalidade da área fabril escavada.

As primeiras estruturas visitáveis representam um conjunto de compartimentos contíguos, datáveis do século V a.C. No seu interior o pavimento é de argila batida onde se destaca uma lareira central, feita com seixos rolados. Este primeiro momento de construção, numa zona de antiga praia fluvial, foi preservado ao ter ficado num espaço aberto, de acesso a um poço romano de abastecimento de água à actividade conserveira (fig. 7).

O complexo fabril ocupa uma área de cerca 610 m², constituindo parte de um conjunto mais vasto, que se desenvolve sob os prédios imediatamente a norte e sob a rua Augusta. Do conjunto destacam-se áreas de pátios e cerca de três dezenas de tanques, de diferentes dimensões. Em várias zonas são visíveis marcas de diversas adaptações e remodelações efectuadas nas instalações fabris. Nos pátios de acesso aos tanques, conservam-se pequenos compartimentos circulares onde se guardavam as vísceras e o sangue dos peixes a conservar, para posterior reutilização na preparação de molhos e outras especiarias, muito apreciados pelos romanos na confecção de certas refeições. Foi recolhido um conjunto de loiça, em cerâmica comum, associada a esta actividade e que se encontra exposta num dos pátios da unidade. Optou-se igualmente por expôr um conjunto de ânforas no último pátio do percurso de visita, vasilhame usado na fase final da laboração (séc. IV-V), e que correspondem aos tipos Almagro 50, Almagro 51C e Lusitana 9 (fig. 9). Destinam-se ao armazenamento e transporte de preparados piscícolas exportados para um mercado regional – tanto uma villa romana como um aglomerado populacional –, mas principalmente para um mercado a longa distância, centrado no mar Mediterrâneo, onde se regista em vários locais a presença de ânforas lusitanas, como são os casos de Óstia, Marselha, Roma, Cartago, Trier e em certos navios naufragados, identificados nos últimos anos.

As ânforas utilizadas nos núcleos conserveiros de Olisipo eram produzidas em olarias até ao momento localizadas exclusivamente na margem esquerda do rio Tejo, zona rica em barreiros e em matas, com boa acessibilidade ao rio através dos seus afluentes e braços de rio.

Nesta musealização, para além de se dar destaque aos contextos mais expressivos, do ponto de vista do património arqueológico, optou-se por isolar um espaço de modo a permitir uma leitura dos vários estratos arqueológicos do sítio e ainda manter “*in loco*” um conjunto de peças ali exumadas, dando algumas delas sugestões de recriação do ambiente.

O projecto de recuperação desta grande área do quarteirão pombalino para sucursal do BCP, para além de incluir a preservação das fachadas e a reabilitação funcional do saguão, previu a preservação das três salas abobadadas de origem pombalina que subsistiam ao nível do rés-do-chão, duas delas integradas no núcleo e a terceira, contígua às anteriores, adaptada a recepção (fig. 6 e 10). No segundo espaço de recepção, com acesso pela rua Augusta, foram igualmente preservados e valorizados quatro arcos pombalinos que subsistiram da construção inicial. Aqui o chão foi integralmente pavimentado com lajes calcárias, grande parte delas recuperadas no decurso do levantamento dos pavimentos dos estabelecimentos comerciais que existiram no local da intervenção⁵.

A presença pombalina no núcleo foi igualmente reforçada através da integração e apresentação de estruturas que não são visitáveis em condições normais. Referimo-nos à presença de poços de pequena dimensão, à rede de esgotos e à presença de estacaria pombalina, para assentamento de alicerces em ambiente de nível freático.

Tratando-se a Baixa de uma antiga zona de esteiro e que por alturas da actual Praça do Rossio recebia água de duas ribeiras, durante a reconstrução Pombalina foi utilizado o processo de estacaria, em pinho verde, cravada na sua totalidade dentro do nível freático, bem como as traves horizontais de topo, para a sua integral conservação.

Esta realidade construtiva e estrutural dos edifícios pombalinos pesou, em termos de engenharia, na opção de não se proceder à construção de uma parede periférica em betão, solução à partida mais simples, mas pela construção de um lintel de cintagem, a partir do qual parte um vasto conjunto de micro-estacas, atravessando os alicerces pombalinos, até cerca de 15 metros, já em terrenos de aluvião. Esta solução permite a livre circulação do nível freático, contribuindo para a preservação da estacaria e, como tal, para a estabilidade dos edifícios. Para além desta circunstância, viabilizou a preservação das estruturas romanas sob os alicerces pombalinos bem como a apresentação pública dos mesmos ao nível da cave. Por último as estruturas arqueológicas mantêm-se integradas num ambiente com condições de humidade e de circulação de água próximas das que “viveram” durante vários séculos, factores que contribuem para a sua preservação.

Modelo de gestão do Núcleo Arqueológico

Aprovada que foi a constituição do Núcleo Arqueológico, havia que reflectir-se quanto ao modelo de gestão mais adequado à realidade em presença, onde as questões de manutenção e conservação necessitavam de particular atenção.

⁵ Arquitectura: Intergaup, Gabinete de Urbanização e Planeamento, Lda.

Uma segunda questão tinha a ver com a apresentação e visitas ao núcleo, dirigidas a todo o tipo de público, em condições de segurança.

Quanto à primeira questão, o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), enquanto organismo público vocacionado na conservação e valorização do Património Cultural Português e o Banco Comercial Português (BCP), enquanto entidade promotora do empreendimento, entenderam estabelecer formas de colaboração que permitissem viabilizar um modelo de gestão do núcleo arqueológico, para o que celebraram entre si um protocolo que se rege por seis cláusulas. A cláusula primeira define o objecto do protocolo e atribui como funções do BCP, realizar todas as acções necessárias com o objectivo de assegurar a gestão, divulgação, manutenção regular e a conservação do núcleo arqueológico, com o apoio técnico do IPPAR.

Duas das cláusulas definem as obrigações que cabem a cada instituição. Estas encontram-se totalmente implementadas no dia a dia do núcleo, como as que competem ao BCP ao assegurar a gestão administrativa do núcleo arqueológico, coordenar a gestão corrente para franquear as visitas guiadas a grupos previamente inscritos, bem como promover o apoio ao estudo e à divulgação dos resultados obtidos com a investigação ligada ao sítio arqueológico. Quanto ao IPPAR, assegura a gestão técnico-científica e realiza as acções relacionadas com a manutenção e a conservação das estruturas arqueológicas (fig.8). Dá continuidade à criação de documentos de divulgação, junto da comunidade científica, da investigação realizada.

No que diz respeito à investigação do sítio, refira-se que neste momento se encontra em estudo na Faculdade de Ciências de Lisboa um conjunto de amostras dos restos de salga de peixe, recolhidos pela equipa de arqueologia no interior de alguns tanques, acção esta financiada pelo BCP e acompanhada pelo IPPAR, em termos científicos. Em fase de preparação está o estudo do material anfórico, a cerâmica islâmica, sigillatas e ainda lucernas e os contextos da 2.^a Idade do Ferro.

A gestão do núcleo passa necessariamente pela iniciativa de melhorar as condições de apresentação e de conservação do património arqueológico. Foi neste sentido montada uma bomba com o fim de extrair a água, nas condições excepcionais de cheias. Recentemente (Maio de 1999) concretizou-se a construção de um pequeno ramal no passadiço para permitir a visita à estrutura de assentamento, em madeira, de um poço pombalino. O anel encontra-se conservado no fundo de um tanque romano, através do nível freático que o abastece, a partir da segunda metade do século XVIII. Um sector da parede interna do poço está preservado conjuntamente com o alicerce. Outras acções encontram-se já agendadas como a remodelação do sistema de iluminação e a consolidação e restauro parcial do mosaico.

Como instrumentos de apoio à divulgação do espaço museológico junto do público em geral foi preparado um catálogo, disponível no dia da inauguração do núcleo, na versão portuguesa e inglesa. Foi criado posteriormente um dobrável para distribuição a grandes grupos, com destaque para as escolas. Atendendo a crescentes solicitações, realizou-se a versão em inglês do folheto, já em inícios de 1999. Para além destes instrumentos de divulgação tanto as peças expostas como as estruturas encontram-se legendadas igualmente em português e inglês.

A divulgação do núcleo tem passado também pela cedência temporária de peças para integrarem outras exposições, como é exemplo último a participação na exposição "Portugal Islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo", no Museu Nacional de Arqueologia, inaugurada em 15 de Julho de 1998.

Deu-se igualmente formação técnico-científica a quatro guias-intérpretes que asseguram o quotidiano das visitas. Realizam-se regularmente encontros de trabalho no sentido de serem aprofundados os conhecimentos sobre este património arqueológico, em resultado de novos dados científicos ou novas interpretações entretanto avançadas. O IPPAR apoia visitas por si promovidas ao núcleo e a percursos de visita que o integrem. Neste capítulo o BCP realiza igualmente visitas ao núcleo, com destaque para os formandos dos cursos por si promovidos bem assim como a outros grupos fora da rotina de visitas.

Estão destinados ao público em geral dois dias para visita ao núcleo e um dia para as escolas. Os restantes dias são usados para visitas de grupos específicos que o solicitem, convidados, formandos, especialistas e outros. As guias-intérpretes recebem os visitantes na recepção da rua dos Correeiros, sendo aí feita a primeira introdução ao núcleo a visitar, para o que concorre a presença neste espaço do troço de via romana, integrada numa sala pombalina.

Este protocolo consubstancia, assim, a continuidade do trabalho científico, a incorporação dos respectivos dados na dinâmica do próprio núcleo, dando-lhe sustentação, e cria as condições necessárias à conservação do sítio musealizado.

Percursos de visita

Tendo como suporte a realidade patrimonial do núcleo e os seus componentes museográficos, o Núcleo Arqueológico é passível de ser integrado em três percursos possíveis de visita⁶. Um deles passa pela "reconstituição" da orla ribeirinha da época romana, com particular ênfase para a actividade industrial aí concentrada e para a vida portuária, e provavelmente de construção naval, que aí teriam lugar.

Este percurso inicia-se na Casa dos Bicos (fig. 1-A). Aqui foi preservado e valorizado o primeiro núcleo fabril identificado em Lisboa (1981). Está exposto um conjunto de quatro tanques, prolongando-se o conjunto fabril para nordeste, já fora da casa e sob um aterro de pelo menos 5 a 6 metros de altura. Este núcleo fica no interior da Cerca Moura (fig.1-M). O seu traçado poderá muito provavelmente coincidir neste percurso com a muralha tardo-romana. Esta hipótese é reforçada pela identificação de vestígios de uma torre semi-circular adossada à muralha, localizados no interior de uma torre quadrangular medieval, da qual subsistem duas paredes na área de recepção da Casa dos Bicos, sede da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Caminhando para poente e a cerca de 50 metros encontra-se o arco da antiga Porta do Mar (fig. 1-R) onde se fazia sentir a maré nas muralhas ribeiri-

⁶ Desenho de António José Cruz, IPPAR.

nhas, segundo o geógrafo árabe Edrici, da primeira metade do século XII. Muito perto desta porta foi, na primeira metade deste século, encontrada uma estrutura identificável como cais (fig.1-L).

Um pouco mais adiante e já na rua dos Fanqueiros é viável visitar-se um tanque de salga romano, pertencendo a um conjunto mais vasto, e que foi integrado ao nível do pavimento, no decurso de recentes obras de adaptação a estabelecimento comercial especializado em vinhos (fig.1-B). Na mesma rua foi identificado mais um núcleo fabril de preparados piscícolas, durante a construção de uma pequena cave, ficando apenas o registo arqueológico do achado (fig.1-C).

Continuando este percurso chega-se ao local onde existe uma grande construção romana, actualmente sob a urbanização pombalina, e que é ainda norma ser referenciada como as "Termas Romanas da rua da Prata" (fig.1-S). O que hoje se pode observar corresponde a um criptopórtico. Quanto à sua função, uma das propostas avançadas é tratar-se do forum corporativo de Olisipo, desempenhando um papel importante na actividade portuária, através dos seus armazéns, onde teria certo significado a exportação de preparados piscícolas. As suas galerias seriam usadas como reservatório de água.

A visita a este espaço vizinho ao núcleo só é possível no período de Verão, por iniciativa do Museu da Cidade, já que se encontra permanentemente inundado, exigindo, durante os curtos períodos de abertura ao público, a bombagem constante da água efectuada pelos bombeiros municipais.

Chegados ao Núcleo da Rua dos Correeiros (fig.1-D) para além da visita ao complexo industrial, podemos verificar que a população romana faria este percurso por uma via que acompanhava a orla ribeirinha, ligando vários núcleos fabris com o criptopórtico. É precisamente um troço desta via que pode ser observada na recepção do banco, na rua dos Correeiros.

Já na rua Augusta e bem no interior do antigo esteiro, foi identificado o núcleo fabril mais a norte e mais junto à linha de água (fig.1-E). Desta forma o conjunto de tanques registado encontrava-se totalmente dentro de água, sendo apenas possível observar o contorno superior dos mesmos. No decurso das obras de recuperação deste edifício pombalino o contexto romano foi salvaguardado e protegido através da construção de uma laje, ao nível da cave.

No átrio do edifício (em fase de venda de espaços) encontra-se preparada uma área destinada à divulgação do património arqueológico aqui escavado, e que virá contextualizar um núcleo de peças já expostas, tal como estruturas de uma ferraria, de origem quinhentista, musealizadas no interior do primeiro estabelecimento comercial que se instalou no prédio, uma loja da cadeia McDonauld's.

O tema decorativo adoptado para este estabelecimento, inaugurado em Março de 1999, foi precisamente a Baixa de Lisboa entre os séculos XVI e XVIII, através da reprodução de painéis de azulejo e de gravuras da época. Foi desta forma estabelecida uma perfeita sintonia entre o tema tratado e a exposição da ferraria, com leitura através de um pavimento em vidro, e que deixou de laborar na sequência do Terramoto de 1755, após ter funcionado cerca de dois séculos.

As peças expostas integram-se no período histórico abordado, tendo-se privilegiado a apresentação de loiça directamente associada ao acto de cozinhar e de ingerir alimentos, atendendo à natureza do estabelecimento comercial em

presença. Um dos conjuntos de peças encontra-se exposto junto à escada de acesso à sala de refeições, num vão aberto sobre a rua Augusta o que permite a observação das peças tanto do interior do estabelecimento como da via pública. Aquelas encontram-se legendadas em português e inglês, atendendo à origem estrangeira de parte significativa da clientela e de estarmos num eixo de intenso circuito turístico.

Um segundo percurso de visita tem como tema central a própria Baixa, reconstruída segundo o espírito iluminista do Marquês de Pombal e seus colaboradores, e onde se pode observar uma nova imagem da cidade que se desenvolve a partir de um eixo, definido pela rua Augusta e que faz a ligação entre as duas principais praças da cidade – Rossio e Praça do Comércio (fig.1). A visita ao Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, como à própria ferraria da rua Augusta, inseridas neste percurso, permitem fazer uma certa aproximação à evolução urbana desta significativa área da cidade anterior à reconstrução pombalina.

O terceiro percurso possível, já posto em prática, e vocacionado para o período romano, tem o seu início no Teatro Romano (com visitas orientadas pelo Museu da Cidade) (fig.1- H), seguindo para o claustro da Sé de Lisboa (fig.1-G), largo de Santo António, largo da Madalena (fig.1-J) e, finalmente, rua dos Correiros. No teatro, conhece-se a sua estrutura e o seu papel como espaço cénico. Este, terá encerrado em finais do século III, momento em que veio a surgir um espaço lúdico novo, na cidade, o circo (fig.1-F). Foi localizado a cerca de 6,50 m. abaixo do actual pavimento do Rossio, durante os trabalhos de acompanhamento das obras do Metropolitano de Lisboa.

Agora, no claustro da Sé, observa-se uma pequena área residencial romana, com destaque para uma calçada, ladeada de lojas (*tabernae*), e que dava acesso a uma das entradas do teatro. No mesmo período de encerramento do teatro a via é eliminada, e sobre esta surgem novas construções.

Seguindo para oeste, passa-se pelo local onde existiu uma das portas da muralha, e já no largo da Madalena, observam-se quatro inscrições, uma delas referindo a existência no local de um templo dedicado à deusa Cibele (fig.1-J). Um pouco mais a norte foram escavadas, nos últimos anos, estruturas das termas públicas dos Cássios e que se encontram em vias de serem reabilitadas e valorizadas (fig.1-I). Saídos da área residencial e administrativa chega-se à orla ribeirinha onde pontuava a exploração de recursos piscícolas e as actividades portuárias, como é testemunho o Núcleo Arqueológico (fig.1-D).

Com as intervenções arqueológicas em curso nos bairros históricos do Castelo, Sé e Mouraria, abrem-se assim novas perspectivas de percursos de visita, apoiados no património arqueológico, permitindo uma renovada "leitura" da cidade na qual se inscreve o presente Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1998) – Para quê conservar e como apresentar os vestígios do passado. *Al-Madan*. Almada. II série, 7.
- ALARCÃO, J. de (1994) – Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa Subterrânea*. Milão: Electa. Catálogo de Lisboa Capital Europeia de Cultura.
- AMARO, C. (1994) – A indústria de salga de peixe na Baixa de Lisboa. In MOITA, I., coord. de – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Lisboa 94; Expo 98; Livros Horizonte.
- AMARO, C., BUGALHÃO, J., SABROSA, A. (1996) – Complexo fabril romano na Rua Augusta. Notícia Preliminar. In *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e Sado*, Seixal, 1991. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote.
- AMARO, C.; CAETANO, M.ª T. (1993-1994) – Breve nota sobre o complexo fabril romano da rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33.
- BUGALHÃO, J., SABROSA, A., BCP (1995) – Uma unidade de salga de peixe na Rua Augusta, Lisboa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35. Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 1993.
- FABIÃO, C. (1997) – A exploração de recursos marinhos. In *Portugal Romano – A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: IPM, Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo.
- MENEZES, J. de V. e (1986) – Tercenas de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 16.
- NABAIS, A. M. (1993) – Museus e Arqueologia. *Al-Madan*. Almada. II série, 2.
- SILVA, A. V. da (1987) – As muralhas da Ribeira de Lisboa. 3.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal. vols. 1 e 2.

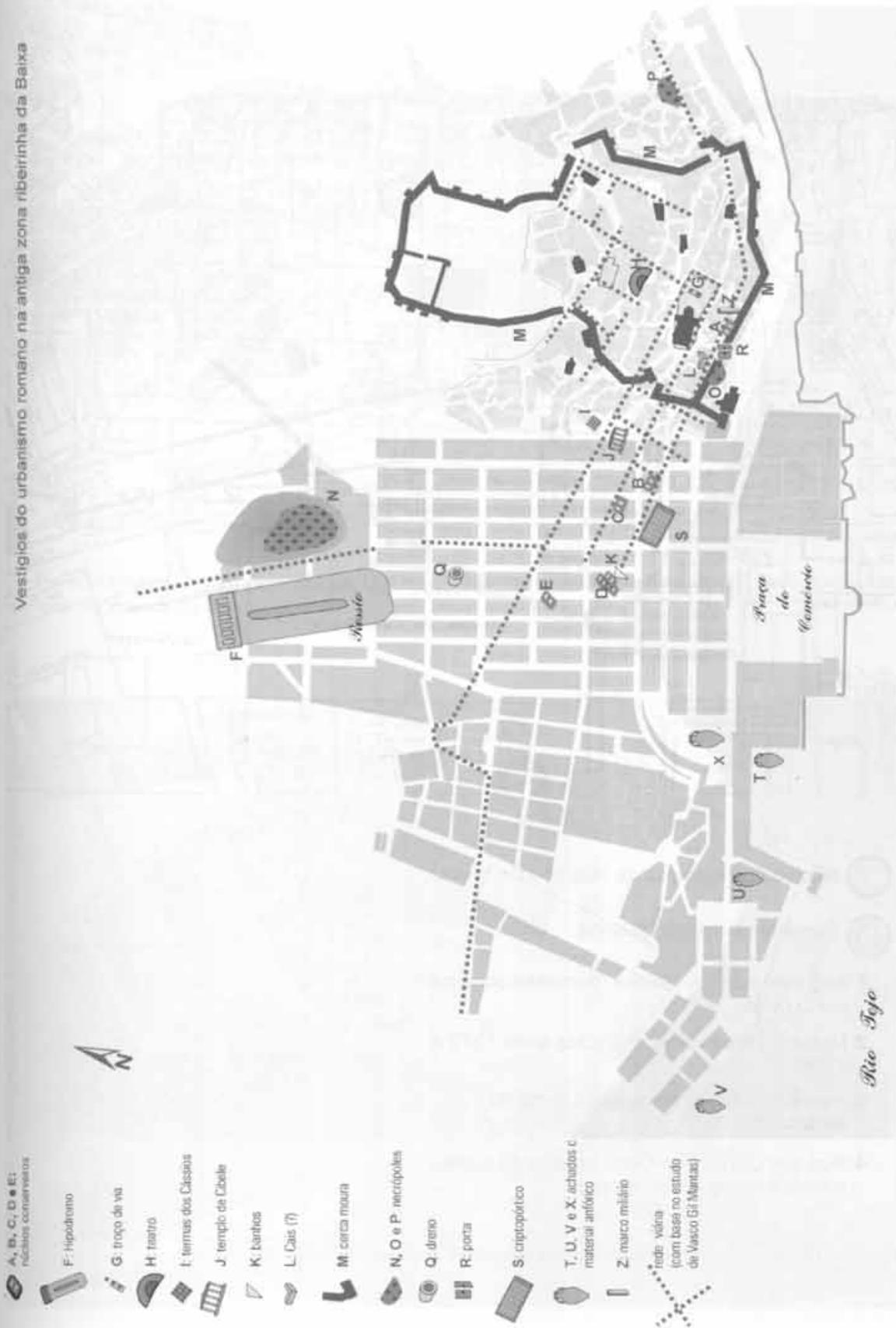


Fig. 1 – Enquadramento dos núcleos conservados no urbanismo romano (ensaio).

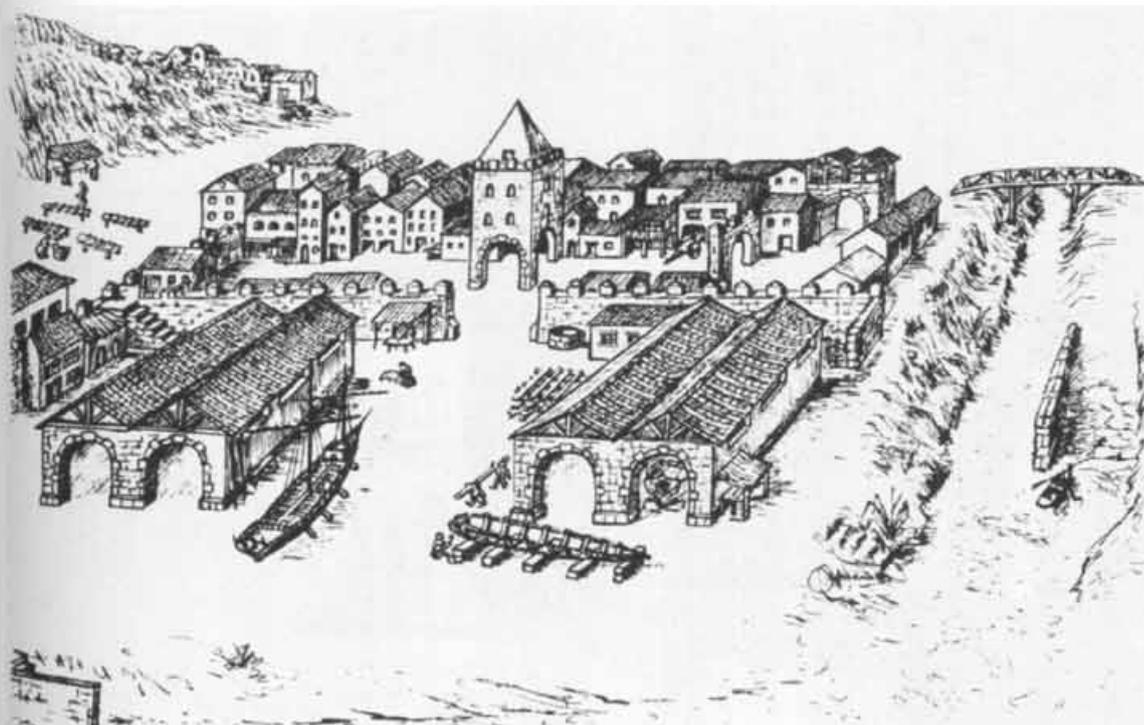


Fig. 3 – Reconstituição das Terceiras de D. Dinis, onde se visualiza ainda a ponte da Galonha e o que resta do esteiro da Baixa.



Fig. 4 – Fase de escavação na área de pátio, com derrube de cobertura, e tanques de salga.

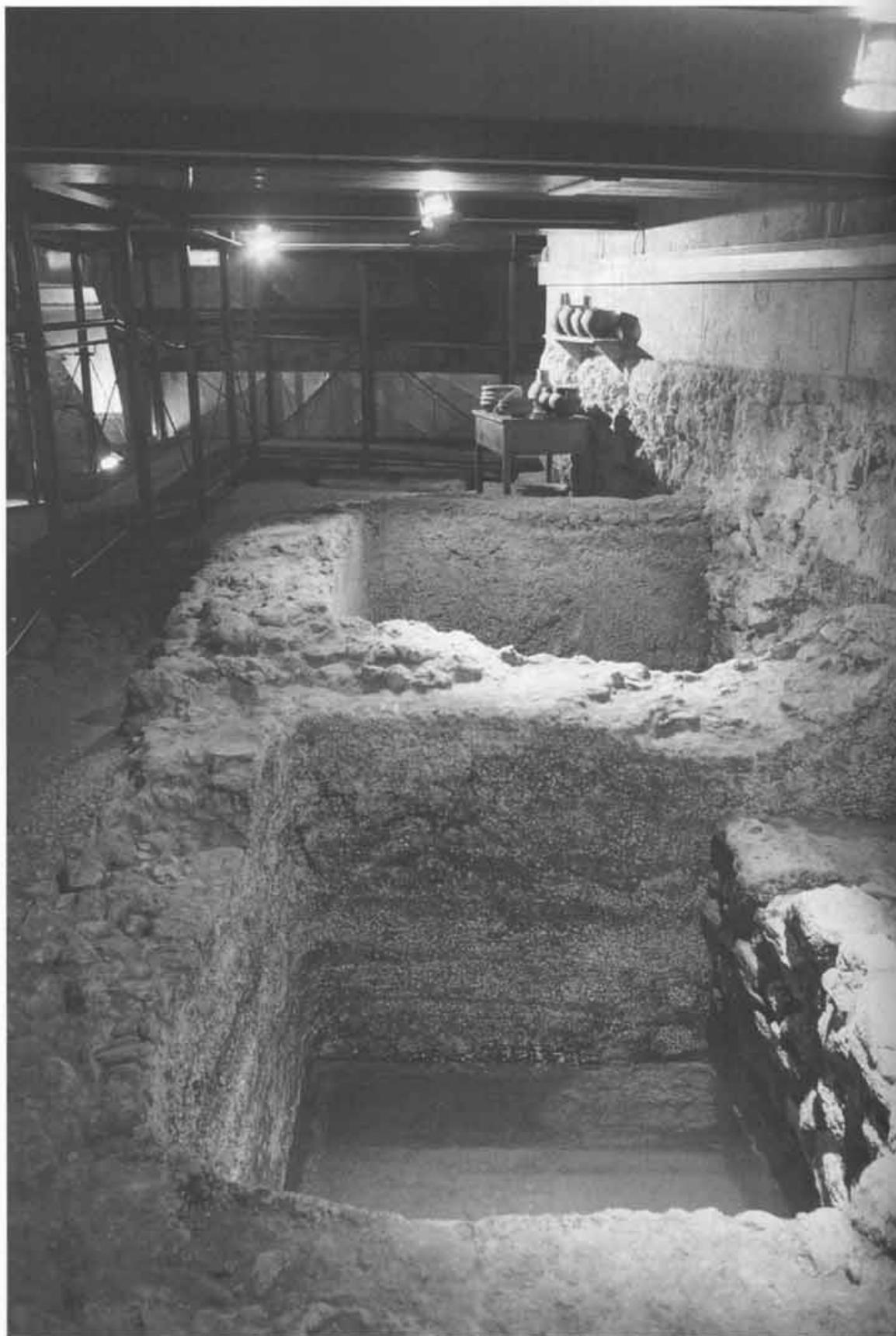


Fig. 5 – Área da unidade fabril musealizada.



Fig. 6 – Sala do mosaico romano e sua relação com a rua dos Correeiros.



Fig. 7 – Compartimento do 2.º Andar, dos Correios.

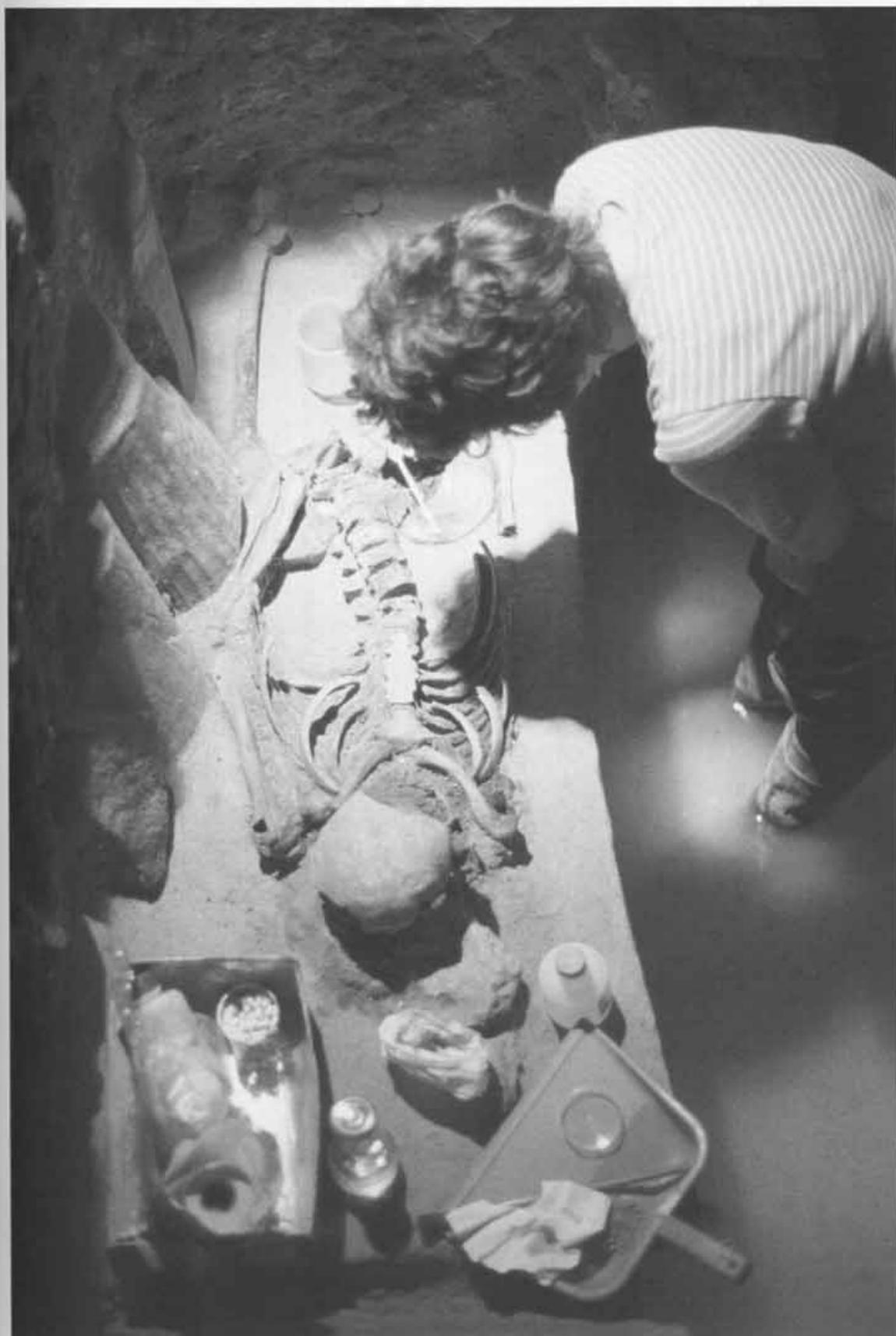


Fig. 8 – Fase de manutenção e de conservação de uma inumação do Período Romano.

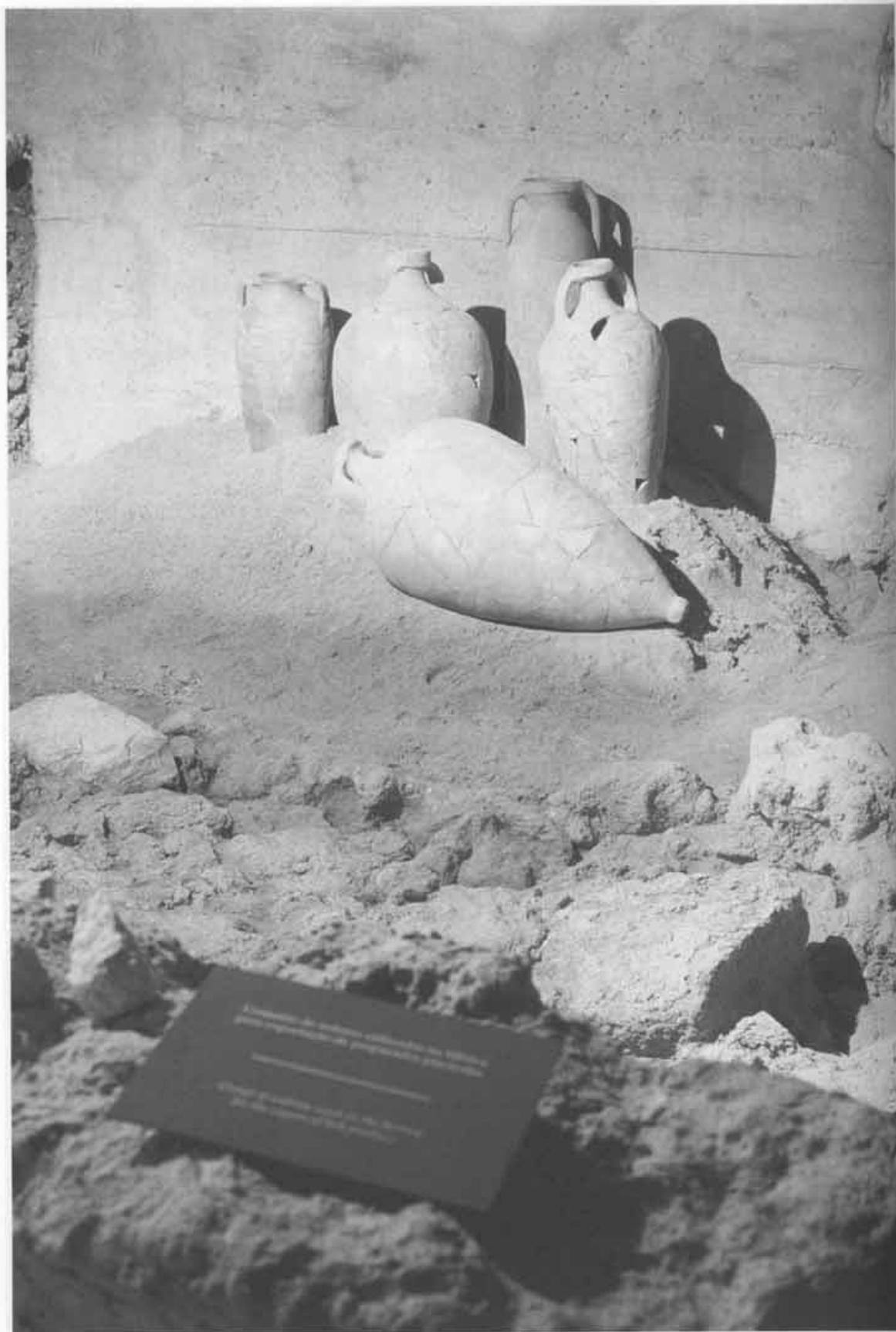


Fig. 9 – Conjunto ânforico dos Séculos IV e V.



Fig. 10 – Espaço expositivo em sala pombalina reabilitada.

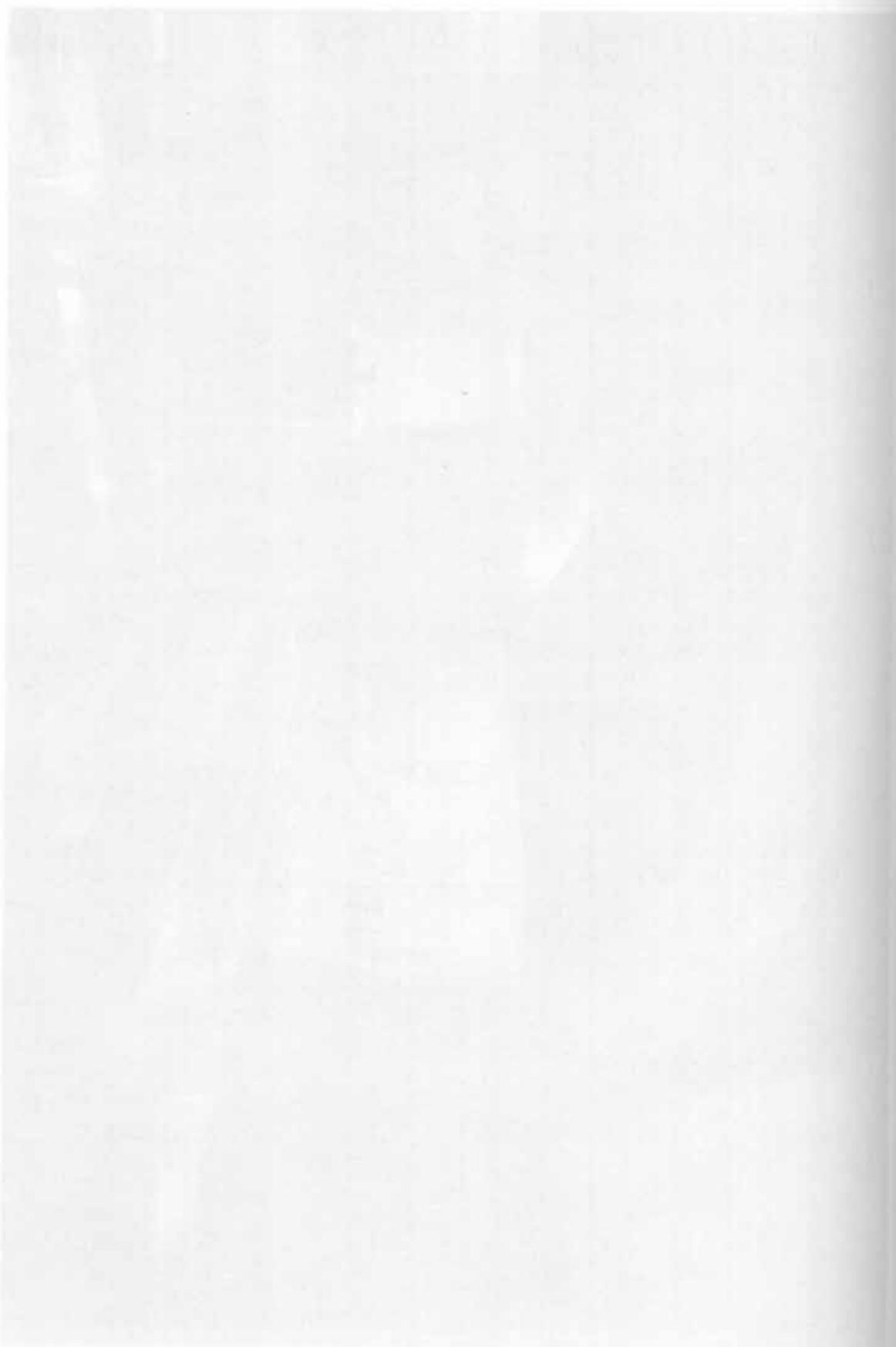


Figure 1. [Illegible text]

[Illegible text at the bottom of the page]